

HELENA GRECO: Uma geração, outra história e a construção da memória sobre a Anistia no Brasil.

Kelly Cristina Teixeira.

Cita:

Kelly Cristina Teixeira (2015). *HELENA GRECO: Uma geração, outra história e a construção da memória sobre a Anistia no Brasil*. XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-061/1027>

HELENA GRECO:

Uma geração, outra história e a construção da memória sobre a Anistia no Brasil

KELLY CRISTINA TEIXEIRA *

Resumo: Nosso estudo se ocupa em analisar determinados períodos da Trajetória de Vida de Helena Greco, refletindo questões que se apresentam ao longo de sua vida, a saber: seus discursos sobre as diferenças sociais, o papel da mulher de seu tempo, as relações de gênero e a luta pelos direitos humanos no período da Anistia no Brasil.

Palavras chave: Biografia, Emoção, Política, Gênero, Anistia.

Os vestígios de 1979 nos leva a viajar pelo tempo e a viver emoções de encontrar no presente, através da História as expectativas e esperanças do passado, mais de três décadas se passaram depois de sancionada a Lei da Anistia. Muitos personagens desta História já se foram e outros aí estão para nos contar esta experiência. E todos são testemunhas do tempo de arbítrio, pelo qual o Brasil passou desde 1964 até meados do final dos anos 70 quando a brisa da liberdade e da democracia ensaiavam alcançar o país. Este artigo tem por objetivo sentir no presente sinais desta brisa da liberdade e democracia através da biografia de Helena Greco. Para tanto, abordaremos o papel das emoções na construção das atividades sociais e políticas da mineira Helena Greco em determinados momentos de sua biografia, em especial, a partir de sua entrada para o Movimento Feminino pela Anistia em Minas Gerais.

Para compreender a emoção como estratégia em especial na política, partimos da reflexão de Christophe Prochasson, que percebe que a emoção:

designa o conjunto de movimentos efetivos, mais ou menos estáveis engendrados pelo choque de um estado individual com a análise de uma situação. Isto implica em duas consequências importantes: as emoções não resultam de um encaminhamento puramente individual, mas se inscrevem em uma perspectiva social e cultural: elas não se opõem à cognição. (PROCHASSON,2005:312)

Ao estudar as emoções não buscamos desnudar D. Helena, pois os impulsos da alma como ressaltou Tocqueville são vedados aos historiadores e até aos seus

*Doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina/Brasil.
kellyhistoriadora@yahoo.com.br

contemporâneos. Porém podemos apreender e analisar os fragmentos das expressões de sua emoção, ou seja, o que Prochasson denominou de *práticas emocionais* que visam desencadear o uso das emoções.

Por conseguinte, o desafio de compreender mesmo que parcialmente as relações de poder, as emoções, as negociações, tensões e as práticas aparentes que perfazem a trajetória de Helena Greco em torno do Movimento Feminino Pela Anistia e dos Direitos Humanos nos impulsionaram a aceitar o desafio biográfico.² Entretanto, o fazer biográfico é um caminho repleto de armadilhas. Estamos atentos ao que Boudieu advertiu em seu artigo *A Ilusão Biográfica* que a história de vida não acontece de forma linear, na qual o indivíduo nasce, cresce se desenvolve e morre. De forma que os turbilhões de acontecimentos ocorridos durante a existência fluíssem numa rede de eventos organizados em torno do próprio fim da história (BOURDIEU,1998). De posse destas ressalvas, não temos a pretensão de dissecar de forma objetiva a personalidade de Helena Greco, nem abordar todo o período de duração de sua vida, que perfazem 95 anos. Abordaremos neste breve artigo sua entrada para o Movimento Feminino pela Anistia, um momento que denominaremos de *ruptura visível*³ e o uso estratégico da noção de emoção. Para tanto partiremos de uma análise inicial de parte das fontes de seu arquivo pessoal coletadas no Instituto Helena Greco e de entrevistas com Helena para o *Projeto História e Memória: Visões de Minas do Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Minas Gerais*. Se as emoções se inscrevem em uma perspectiva

² A biografia histórica possuiu idas e vindas no métier do saber histórico Phillippe Levillain no fim dos anos 70 apontou seu reflorescimento na França com a história problema. Na Itália, nos anos 70 a coleção intitulada *Microstorie* é direcionada principalmente para pesquisas biográficas. Em 1976, quando a biografia ainda permanecia uma provocação diante da história serial e quantitativa Ginzburg lança *O Queijo e os Vermes*. Nas décadas de 1980/90 o mercado editorial conhece o boom biográfico. Em 1982 Natalle Zemon Davi escreve *o Retorno de Martin Guerre*, em 1985 Peter Gay publica *Freud: uma vida para nosso tempo*; em 1992 o espanhol Jaime Contreras lança *Sotos contra Riquelmes*; Na Inglaterra Peter Burk publica *A fabricação do Rei: a fabricação da imagem pública de Luis XIV*, além de recuperar a tradição de biografias coletivas de elite (prosopografia) difundidos na década de 1920/30 com a obra *Veneza e Amsterdã*. A *English Social History* recupera a biografia em sua dimensão subjetiva dos processos sociais. Christopher Hill escreveu em 1988 *Oliver Cromwell No Brasil* a divulgação do estudo biográfico é comentada pelos historiadores Benito Schimidt, Magda Ricci, Marly da Silva e Francisca L. Nogueira de Azevedo SCHIMIDT. Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. *ANOS 90. Revista do programa de Pós-graduação em História*, Porto Alegre, UFRGS, n.6; dez1996, p. 174. Além das publicações SHIMIDT. Benito Bisso. *Trajetórias e vivências: as biografias na historiografia do movimento operário brasileiro*. *Cultura e Trabalho*, São Paulo, PPGH/DH/PUC-SP. Fev.1998, n. 16, p. 233-244. SCHIMIDT. Benito Bisso. *A biografia histórica: o 'retorno' do gênero e a noção de 'contexto'*. In: BRACELLOS, César et al. *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, p. 121-129.

³ Compreendemos por *ruptura visível*, o que está dado a ver por um grupo. O que este percebe como transformação. Neste sentido não vislumbramos chegar a transformação subjetiva.

social e cultural, Helena pode nos ajudar a explicar fragmentos de seu contexto. Como observou Levi:

Há uma relação recíproca entre biografia e contexto: a mudança é a soma infinita dessas inter-relações. A importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências estruturais, inevitáveis entre as normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas.(LEVI,1998:180)

Assim, nos atentamos em não cair aos determinismos e compreender melhor tanto a liberdade como as coerções exercidas. Analisando as forças convergentes ou concorrentes. As fontes nos auxiliarão neste percurso.

Utilizamos duas fontes que acreditamos complementares: parte do arquivo pessoal de Helena Greco que se encontra no Instituto Helena Greco de Direitos Humanos e Cidadania (IHG) criado em 2008 sob a tutela de sua filha Heloiza Greco, conhecida como Bizoca. O IHG se auto classifica como um coletivo de militantes e espaço autogestionário com uma perspectiva classista, libertária e revolucionária que reivindica o direito a história, memória, a verdade e a justiça. O arquivo possui diferentes fontes de vários momentos da trajetória de Helena, como por exemplo: cartas, atas, livros, fotografias, panfletos, recortes de jornais, anotações, com destaque para o período de envolvimento de Helena na luta pela Anistia . Outra fonte que utilizaremos são os depoimentos feitos pelo Núcleo de História Oral vinculado ao Centro de Estudos Mineiros da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e reúne pesquisadores de várias unidades acadêmicas da UFMG. O objetivo do Núcleo tem sido o de pesquisar e documentar a complexidade e a diversidade da vida política, econômica, social e cultural de Minas Gerais. Conta atualmente com um acervo bibliográfico e de entrevistas, com mais de cem entrevistas impressas e gravadas em fitas cassetes. São dois tipos de depoimentos que o Núcleo de História Oral se debruça: entrevistas temáticas e entrevistas de histórias de vida⁴. Helena faz parte da sessão História dos Partidos Políticos e Sindicatos.

⁴ Sobre os tipos de depoimentos podemos encontrar: História da cidade de Belo Horizonte que reúne depoimentos de ex-prefeitos, funcionários da administração pública municipal e moradores anônimos da cidade, desde seus primeiros anos; História das elites no setor público e privado: reúne depoimentos de lideranças empresariais e de personalidades do setor público do Estado de Minas Gerais dos anos 1940 a 1970; História dos ambientalistas mineiros: reúne depoimentos de gerações de ambientalistas que atuaram na defesa do meio ambiente. História dos artistas mineiros: reúne depoimentos de vida, obra cotidiana dos artistas em seus contextos sócio-históricos e políticos; História dos professores mineiros: reúne depoimentos de gerações de professores sobre seus cotidianos de vida e trabalho, a partir dos anos de 1950. E por fim, História dos partidos políticos e sindicatos que reúne depoimentos de sindicalistas e lideranças partidárias mineiras anteriores e posteriores ao golpe militar de 1964 com 48

Helena Greco nasceu em Abaeté, Minas Gerais em 15 de junho de 1916, em uma família de classe média, seu pai um foi comerciante e banqueiro italiano e sua mãe brasileira, dona de casa, sendo a mais velha de sete irmãos. Devido a ampliação dos negócios, seu pai resolve mudar-se para Belo Horizonte em 1924. Sua origem somada à escolaridade no colégio Santa Maria, dirigido por irmãs dominicanas e considerado de elite de Belo Horizonte, contribuiu para que tivesse uma educação refinada e uma formação clássica que incluiu formação musical e o domínio de outras línguas como o francês, inglês e o italiano. Nos tempos de colégio interno sua leitura a luz de lanterna às escondidas no dormitório, incentivadas pelo professor Veloso a afastaram do padrão tradicional de leituras e comportamentos das “moças de família”. Segundo Helena:

Naquela ocasião tinha a tal leitura cor de rosa. Madamy Delly. Eu tinha ódio disso. Eu consegui uma coisa que eu nem sei como (...). Porque naquele tempo era assim: ou o livro era indecente ou era contra a religião, era o Index. E o Dr. Velloso, é aí que eu devo uma obrigação ao Dr. Velloso. Ele me passou uma lista de livros, que eu comprei e levava escondido. Ele me passava livro também. Aí eu lia escondido das irmãs. Era rara a semana que eu não lia um livro (...)⁵

Entre os livros citados por Helena se encontram Balzac, Anatole France, Shakespeare e Dante Alighieri, todos lidos na língua natal de cada um dos autores. Todavia, mesmo com o afastamento da leitura “cor de rosa”, Helena parecia compreender que havia códigos de conduta a serem interpretados e reproduzidos como na citação:

Tinha uma coisa interessante que era o seguinte, as irmãs me deram muito apoio, porque eu não era... A questão espiritual nunca me importou mesmo. Então as irmãs, tinham umas que ficavam meio preocupadas com aquilo. Acontece que eu fiz questão de ganhar todos os prêmios de religião. (...) Eu seguia um roteiro era simples.⁶

Há em seu depoimento, aproximações e rupturas com os modelos fixados a uma geração. Aproximações e rupturas que desembocam em relações de poder como na fala eu seguia um roteiro. Esta vivência no colégio manifesta normas próprias do mundo político, que revelam por sua vez, códigos de agir e pensar que tomam lugar nas

depoimentos incluindo a entrevista de Helena Greco realizada pela Prof^ª Dr^ª Lucília de Almeida Neves Delgado e Anna Flávia Arruda Lanna em 08/11/95.

Informações disponíveis no site: <http://www.fafich.ufmg.br/historiaoral/index.php/por/Acervo-deentrevistas>. Acesso em 20 de maio de 2014.

⁵ Entrevista realizada com Helena Greco, em Belo Horizonte, em 1995, por Lucília de Almeida D. Neves e Anna Flávia Arruda Lanna para o Projeto: Memória e História Visões de Minas, do Centro de Estudos Mineiros/ Programa de História Oral da Universidade Federal de Minas Gerais. p. 42

⁶ Idem, p. 30

estratégias de representações do mundo social e que mais tarde fundamentarão a manipulação de discursos e objetos simbólicos reconhecidos por determinadas coletividades. Um exemplo disto é que anos mais tarde após já estar casada e com filhos ensinou língua estrangeira aos domingos a alunos carentes. Iniciou com um grupo de senhoras um trabalho caritativo realizando visitas a Penitenciárias, fato que lhe rendeu o convite para ensinar inglês na Penitenciária Antônio Dutra Ladeira em 1964, trabalho que desenvolveu até 1966. Apesar de revoltada contra as injustiças conforme revelou em entrevista a revista Teoria & Debate em 1994, Helena Greco até os anos de 1970 não encontrava um canal de participação político, pois não conhecia partido que valesse a pena, segundo seu relato .

Helena Greco dizia não ter na época muito estudo de política, o que ela possuía era um sentimento. “Eu tenho um sentimento de que seria muito bom (...) sinto que sou cidadã do mundo. A diferença é que sou socialista. Olha ser socialista para mim é você...É um governo que antes de pensar no governo e em si próprio ele pensa no que é bom para o povo”⁷ . Vale a pena ressaltar que emoção, interesses e normas sociais não são dicotômicos, elas interagem entre si na performance individual e na constituição de sua própria imagem.

Com a implantação da Ditadura Militar em 1964 sua análise sobre o golpe era norteada, sobretudo, por revistas norte-americanas utilizadas nas aulas de inglês. A partir da morte do estudante, Edson Luis em 1968 ela começou a achar esquisito o que estava acontecendo.

Os discursos de resistência á Ditadura Militar mobilizavam, sobretudo, jovens e D. Helena, observava que sua filha caçula Heloíza Greco de apelido Bizoca, estudante de história, na Universidade Federal de Minas Gerais estava envolvida com o movimento estudantil em especial, a partir do ano de 1976. Bizoca fazia parte da resistência á Ditadura através do grupo de esquerda Centelha. De acordo com Helena sua preocupação com o bem estar da filha foi o motivo para investigar mais a fundo o que estava acontecendo. Sua casa sempre estava cheia de jovens que se reuniam e ela sempre escutava os debates e opiniões sobre a situação do Brasil naquele período. Helena mencionou em entrevistas que nunca teve muitos amigos, segundo sua filha Heloisa isto pode ser em parte devido a sua erudição, se aproximando assim dos seus amigos universitários. Existiam também as macarronadas de sexta-feira, onde grande

⁷ Idem. p. 94.

número de jovens participava. Em um destes encontros no início em junho de 1977, ela escutou sobre a manifestação no Campus da UFMG na Faculdade de medicina e resolveu ir até lá, este era o primeiro e decisivo passo para sua *ruptura visível* e a implantação do Movimento Feminino pela Anistia em Minas Gerais. Segundo ela:

Eu soube que os estudantes iam todos lá no Campus da Medicina e que a polícia estava cercando tudo lá. Eu fiquei preocupada, porque todo o meu povo com quem eu lidava politicamente estava lá. Então eu fui pra lá (...) Houve aquela... Uma fala muito bonita, o pessoal todo muito interessado, e tal. Mas a gente preocupada com a situação que estava. Foi a primeira vez que tinha um ato público durante a Ditadura. Então eu resolvi falar. Levantei e falei... O negócio é que eu senti na hora, era um sentimento. Eu senti foi o seguinte: a minha geração foi muito inerte, ela podia ter feito muita coisa. E hoje eu me arrependo disso. Eu quero dizer que a gente tem que fazer alguma coisa, porque a questão está muito séria e não pode continuar assim⁸.

O sentimento de que havia alguma coisa errada, de injustiça na infância, o sentimento de desigualdade social, unido ao sentimento de preocupação com sua filha e com seu povo envolvidos com o movimento estudantil, desembocaram na inversão de Helena, da mulher vista como componente da elite mineira para a defensora dos direitos humanos. A emoção e o sentimento perfazem seu discurso na Faculdade de Medicina, identificada por um jornal como: “uma senhora velha e gorda que tomou a palavra”. Helena já estava com 61 anos e sua fala na manifestação contribuiu para a abertura de um canal de participação política e o início de uma vida pública. Mas, acima de tudo um questionamento da posição de sua geração, vista por ela como inerte em um momento político conflituoso. Karl Mannheim nos leva a refletir sobre o conceito de geração. A partir das ideias de Pinder que dizem respeito ao problema da “entelêquia de uma mesma geração”. Ou seja, de seus objetivos internos ou suas metas íntimas que estão relacionadas ao “espírito do tempo” de uma determinada época ou ainda a desconstrução, uma vez que várias gerações estão trabalhando simultaneamente na formação do “espírito do tempo” (YNCERA,1993: 245-253). Portanto, é preciso levar em conta que o ritmo biológico reage no elemento do acontecer social. Helena se reconhece no que Mannheim denomina “conexão geracional” *generationszusammenhang* em uma alusão a Heidegger. Ao instrumentalizarmos o conceito de conexão geracional compreendemos que é preciso estabelecer um vínculo de participação em uma prática coletiva com a partilha de experiências comuns. Helena matinha vínculos com a geração de sua filha, compartilhavam ideias e discursos que produziam uma nova maneira de ver

⁸ Ibidem p.104-105.

e vivenciar o momento político divergindo dos contemporâneos biológicos de Helena no período da Ditadura Militar.

Um grupo de mulheres no final da manifestação a convidou para participar do Movimento Feminino pela Anistia (MFPA) que seria fundado em Minas Gerais⁹. De acordo, com Helena este foi seu primeiro canal de participação política¹⁰. O convite para Helena participar no MFPA, perfazia a interação de três elementos: sentimento, interesse e normas sociais. Os sentimentos são associados a formas políticas. Helena almejava mudanças que sua geração não foi capaz de fazer, este interesse de modificar o que estava estabelecido foi instrumentalizado pelo MFPA para convidá-la a fazer parte do movimento. As normas sociais eram claras e as normas impostas pelo regime também. Deste modo, nessa esfera de disputas simbólicas onde a imposição de uma figura depende além de fatores externos, de sua aceitação carismática e passional por parte de seu grupo, Helena Greco era relevante para os objetivos do MFPA, bem como a utilização da emoção e sentimentos em seu discurso e, por conseguinte em possíveis narrativas políticas.

Helena não possuía familiares perseguidos, sua filha apesar de ativa no movimento estudantil e participante da Centelha, havia sofrido diretamente perseguição no período¹¹. Então o que a motivava a entrar no MFPA? Segundo Heloisa Greco tinha mais haver com seus desejos de fazer algo, do que a preocupação com a sua segurança.

No mesmo dia de sua intervenção na manifestação no Campus da UFMG, após as prisões de vários estudantes, Helena e 79 pessoas se reuniram na Igreja de São Francisco das Chagas e escreveram um manifesto de repúdio ao ato dos policiais em nome do MFPA. Esta foi a primeira ação do MFPA em Minas Gerais, segundo Greco. Em dezembro de 1977 já havia nove grupos formados perfazendo um total de aproximadamente cem pessoas. D. Helena foi eleita a primeira presidente do

⁹ A campanha pela Anistia desencadeada em 1975 com o lançamento do Manifesto da Mulher Brasileira pelo Movimento Feminino pela Anistia foi organizada primeiramente em São Paulo por Terezinha Zerbine, se irradiando por demais estados do país no decorrer da década. Coube às mulheres, portanto o pioneirismo pela luta da Anistia no Brasil. LANNA, Ana Flávia Arruda, O Movimento Feminino pela Anistia: a esperança pelo retorno à Democracia. Editora CRV, Curitiba, 2011

¹⁰ Segundo Heloisa Greco em sua tese de doutorado Dimensões Fundacionais da luta pela Anistia este papel coube às mulheres em um primeiro momento por serem mães, irmãs, companheiras e filhas de atingidos pela Ditadura, que se uniram em torno de um objetivo comum a busca de familiares desaparecidos ou a defesa dos familiares presos. GRECO, Heloisa, Dimensões Fundacionais da Luta pela Anistia. Tese de Doutorado em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte: 2003 P. 69.

¹¹ Em entrevista realizada com Heloisa Greco em 19 de Junho de 2013 em Belo Horizonte/MG, a Kelly Cristina Teixeira, a entrevistada nos relatou: a entrada dela no MFA, tinha mais haver com seus desejos de fazer algo, do que a preocupação com a minha segurança.

movimento em Minas, possuindo grandes divergências quanto ao rumo da luta com Terezinha Zerbine. Segundo Helena uma de suas discussões durante a organização com o grupo mineiro, foi a entrada de homens no movimento e a aproximação das integrantes a mães de presos e exilados (LANNA,2011:131). Para ela os homens seriam bem vindos para apoiar, mas não para participarem do movimento, caso contrário, o mesmo, deveria mudar de nome. Outra questão era a divergência de grupos dentro do MFPA que não aprovavam a aproximação com as mães dos exilados fato também contestado por ela. Em sua compreensão era necessário esta aproximação, “(...) eu falei: não é [uma coisa a parte]. Elas estão agora chorando pelos filhos, vamos dar a elas a ideia de que elas têm que chorar por mais gente, não só pelos filhos não”(LANNA,2011:131). As duas discussões na visão de Greco eram discussões política, pois em sua visão o MFPA não deveria ficar apenas no assistencialismo, levar mantimentos nas prisões e vender os artesanatos fabricados por alguns presos para assistir suas famílias. Cabe ressaltar que inicialmente o intuito não eram as famílias e sim os presos e exilados e cada grupo era autossustentável. Portanto, havia duas concepções inicialmente, a questão da Anistia e o assistencialismo e para Helena a luta do MFPA deveria ser ampliada. Outra questão tratada foi a luta pela emancipação da mulher. No Estatuto do MFPA está:

(...) promover a elevação social, cultural e cívica da mulher através de cursos, palestras e atuação no desenvolvimento de sua consciência social e cívica e orientando-a para a sua compreensão de suas responsabilidades perante a sociedade e a integração da família na comunhão social sempre dentro dos ideais democráticos¹².

Dentro do MFPA havia diversas correntes de pensamento sobre a questão de gênero e Terezinha Zerbine e Helena Greco mais uma vez possuíam posturas distintas. Segundo Greco a posição de Zerbine era burguesa visando a questão da Anistia principalmente por ter seu marido perseguido e a integração a mulher á sociedade compreendendo seu papel pacificador, segundo o regimento. Já Greco almejava extinguir este papel pacificador, convocando mulheres para a luta não só pela Anistia, mas, contra a Ditadura. Em recente publicação de Amelinha Teles um depoimento de Zerbine confirma que esta não se considerava e não queria ser uma feminista (TELLES,2013) . Já Helena era voltada para questões mais amplas como: os direitos

¹² Estatuto do Movimento Feminino pela Anistia. Arquivo IHG.

humanos, as relações de gênero, questionando o que era ser feminista, o feminino e porque estavam lutando. Segundo Helena:

No começo eu queria fazer do Movimento Feminino pela Anistia um meio de combater a ditadura. Que era isto... Quer dizer, a gente estava defendendo os presos e os exilados dentro de uma luta sem trégua pelos direitos humanos. E também pelos direitos da mulher (LANNA:2011:131)

O caráter feminista que Greco ambicionava imprimir ao MFPA precisa ser pensado dentro das etapas do feminismo que se desenvolveu no Brasil, ainda que o contexto político da ditadura militar tornasse quase impossível qualquer forma de mobilização, segundo Joana Maria Pedro e Cristina Wolff,

É possível estabelecer três etapas do feminismo que se desenvolveu no Brasil: 1) Anterior a 1975, composto por mulheres intelectualizadas, que trouxeram do exterior livros, artigos e ideias do feminismo que se desenvolvia na Europa e nos Estados Unidos; 2) a partir de 1975, com a instituição pela ONU do Ano Internacional da Mulher, um feminismo controlado pelos grupos de esquerda que lutavam pelo fim da ditadura e pela anistia; 3) a partir do final da década de 1970, com o retorno das exiladas e o estabelecimento de diálogos mais fortes entre os feminismos no Brasil e o movimento internacional. (PEDRO:2007:59)

Devemos ter o entendimento que muitas reivindicações feministas não tinham muito espaço dentro das discussões e mobilizações da extrema esquerda e nem aderiam simpatizantes entre os exilados, pois se entendia que tais questões prejudicariam a luta maior (PINTO:2003:53). O feminismo também não era visto com bons olhos pelo regime militar, porém o entendimento dos órgãos de repressão do Estado era que as ações das mulheres na mobilização contra o regime ditatorial eram “menos perigosas”. Tal entendimento se daria pelo fato de conceber as mulheres enquanto sujeitos sem consciência política. Sendo que a sociedade brasileira patriarcal e classista “aceita” essa participação por reforçar os ideários patriarcais, pois, segundo seu pensamento, os movimentos sociais e populares dirigidos às mulheres e de composição feminina são sempre menos “perigosos” (LEITE,2009:113) . Entretanto, em uma análise de parte do arquivo pessoal de Helena Greco que esta apesar de carregar signos aceitos pelo imaginário da época como: sua idade que passava dos 60 anos que lhe conferia uma representação de um tradicionalismo comportamental sua origem burguesa, sua fala mansa e cordial reforçava o papel aceito pelas elites. Conforme Pedro e Scheibe, “enclausuradas no privado pela sociedade burguesa, haviam desenvolvido uma “cultura feminina” através da experiência com as relações familiares, com vizinhas, cuidando da

família, de crianças, de doentes, teria se tornado muito mais solidárias e capazes de gestos bondosos” (PEDRO:2007:58).

Com o apoio do Frei Antônio ¹³, as reuniões passaram a acontecer com certa regularidade, às segundas-feiras na Igreja Nossa Senhora das Chagas e reuniões de emergência eram feitas em sua casa. Cultos Ecumênicos eram realizados pró Anistia e vigiados de perto pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) que caracterizara os discursos de D. Helena como subversivos, exaltados e carregados de emoção. Imagens ligando D. Helena reivindicações pelo fim da violência do governo militar eram registradas pela Delegacia de Vigilância Especial, no qual agentes de polícia detalhavam os Atos Públicos realizados na Igreja São José.

Em 1978 surge a proposta de formação do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA), D. Helena assume a vice-presidência, acumulando com a presidência do MFPA, fato que permitiu fronteiras fluidas entre os movimentos. Em 1979, seu nome recebeu projeção nacional e internacional, fato que lhe rendeu um convite para participar do Congresso da Anistia realizado em Roma em junho de 1979, fato que segundo Greco causou ciúmes em Zerbine, pois, a mesma se considerava a dona do MFPA brasileiro e não fora convidada e sim, Helena e o advogado Luis Eduardo Greenhald foram os delegados brasileiros. Na ocasião Dona Helena Greco discursou em defesa da anistia ampla, geral e irrestrita, para mais de duas mil pessoas.

“Todos os opositores do regime, perseguidos, presos, torturados e mortos merecem o mesmo respeito. Lutaram e lutam ao lado do povo por melhores condições de luta e trabalho, por uma sociedade justa e humana. Denunciaremos vigorosamente qualquer medida discriminatória, qualquer arremedo de anistia que se tente impingir. Seguiremos em nossa luta que é a de todo o povo brasileiro por ANISTIA, AMPLA, GERAL E IRRESTRITA e pelas liberdades democráticas¹⁴.”

Estiveram também presentes no Congresso de Roma os seguintes exilados brasileiros, entre outros: Gregório Bezerra, Diógenes Arruda, Hércules Correa, Francisco Julião, Márcio Moreira Alves, e os ex-presidentes da UNE: José Luís Moreira Guedes, Luís Travassos e Jean Marc Vander Weiol ¹⁵. Acreditamos que sua escolha para a presidência do MFPA, para a vice-presidência do CBA (em 1980 torna-se presidente do CBA) e principalmente sua escolha para representar o Brasil no

¹³ Não possuímos até o momento, grande número de informação sobre o Frei Antônio .Apenas temos conhecimento de que era da Ordem dos Franciscanos e que era pároco da Igreja Nossa Senhora das Chagas

¹⁴ GRECO, Helena. Discurso no Congresso Mundial de Anistia. Roma, 1979 Arquivo pessoal.

¹⁵ GRECO, Heloísa Amélia. Relato de Entrevista cedida a Kelly Cristina Teixeira citada anteriormente .

Congresso da Anistia, demonstra a confiabilidade que Helena suscita, inclusive através de apelos por sentimentos, crenças e subjetividades do imaginário despertado a partir das emoções.

Após a Lei da Anistia Dona Helena também aderiu a outras frentes de resistência a repressão. Abaixo segue o resumo de seu discurso feito pelos agentes de polícia em um Ato Público na Igreja São José em 21 de maio de 1981, sobre o atentado no Rio Centro quando se realizava um show comemorativo do Dia do Trabalhador, durante o período da Ditadura Militar no Brasil. :

...Discorreu sobre a “escalada do Terror”, afirmando que as bombas que a ditadura conduzia-por acidente detonadas-vitimavam os trabalhadores presentes no Rio Centro. Salientando que o terrorismo se encontra nos “porões da ditadura” e que pra esclarecer os fatos bastaria prender o “terrorista capitão Wilson Luís Chaves Machado. Fazendo ainda referencias ao modelo econômico” do país, que gera simplesmente o “desemprego e a instabilidade”, impondo aos trabalhadores um salário de fome.”¹⁶

Outro exemplo foi seu convite as Mães da Praça de Maio para vieram ao Brasil no início dos anos 80 para contarem suas histórias às mães brasileiras que também perderam seus filhos pela repressão. De acordo com Cristina Scheibe Wolff em seu artigo *Eu só queria embalar meu filho*, as Mães da Praça de Maio foram a organização que mais mobilizou este discurso emocional. Como símbolo estas mães usavam a fralda branca exigindo o aparecimento de seus filhos com vida ou punição dos responsáveis pelo seu assassinato. A fralda passa a se constituir em um instrumento simbólico que remete ao cuidado da mãe para com o filho e seu uso pode ser interpretado como estratégico, pois antes de serem guerrilheiros, terroristas os jovens de esquerda eram filhos e filhas. Helena na imagem abaixo não usa a fralda na cabeça, não teve seus filhos agredidos fisicamente pela repressão, mas possui outros códigos bem próximos a essas duas mães retratadas abaixo: a idade e os cabelos brancos que possuem a marca do tempo, da experiência, das alegrias e das tristezas que contem em seu bojo um valor e apelo emocional.

¹⁶ Arquivo Público Mineiro. AB 021-3-1 Pasta AB-2109-Rolo-12. Folha 11.



FONTE: Instituto Helena Greco

Podemos concluir que Helena correspondia aos requisitos que almejava o MFPA, para dar credibilidade ao movimento em Minas Gerais: classe, idade, grau de instrução entre outros. Helena almejava mudanças que sua geração não foi capaz de fazer, este interesse de modificar o que estava estabelecido foi instrumentalizado pelo MFPA para convidá-la a fazer parte do movimento. Na esfera de disputas simbólicas onde a imposição de uma figura depende além de fatores externos, de sua aceitação carismática e passional por parte de seu grupo, Helena Greco era relevante para os objetivos do MFPA, bem como a utilização da emoção e sentimentos em seu discurso e, por conseguinte em possíveis narrativas políticas.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. 183-192.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O feminismo brasileiro em tempos de ditadura militar. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. (Org.). **Gênero, feminismos e ditadura no Cone Sul**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Helena Greco: humanismo intransigente. **XI Encontro de História Oral**. Memória Democracia e Justiça, UFRJ: Rio de Janeiro. 10/12 de junho de 2012. Disponível em:

http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1337281896_ARQUIVO_DonaHelenaGrego2.pdf. Acesso em 20 de maio de 2013.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. **Memórias em disputa e jogos de gênero: o Movimento Feminino pela Anistia no Ceará (1976-1979)**. Tese de Doutorado em História Social. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

GRECO, Heloisa, **Dimensões Fundacionais da Luta pela Anistia**. Tese de Doutorado em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte: 2003.

LANNA, Ana Flávia Arruda, **O Movimento Feminino pela Anistia: a esperança pelo retorno à Democracia**. Editora CRV, Curitiba, 2011.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Elas se revelam na cena pública e privada: as mulheres na luta pela anistia. In: SILVA, Haike R. Kleber da. (Org.) **A luta pela anistia**. São Paulo: Editora Unesp: Arquivo Público do Estado de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.p.111-123.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 167-182.

OLIVEIRA, Ana Cristina Maria Rodrigues de **Helena Greco, eu te batizo, Anistia**. Belo Horizonte, 1983. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/verdade/resistencia/livro_helena_greco_eu_te_batizo_anistia.pdf. Acesso em: 20 de junho de 2013.

PEDRO, Joana Maria, WOLFF, Cristina Scheibe. Nosotras e o Círculo de Mulheres Brasileiras: feminismo tropical em Paris. **Revista de História , Cultura e Arte**. Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 59, 2007. Disponível em:

<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF14/Joana%20Maria.pdf>. Acesso em: 20 de julho de 2013

_____. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**. Franca, v. 24, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>>. Acesso em: 23 junho de 2013.

PROCHASSON, Christophe. Emoções e política: primeiras aproximações. **Varia hist.** vol.21 no.34 Belo Horizonte July 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752005000200004. Acesso em 02 de junho de 2014.

SCHEIBE WOLFF, C. . Eu só queria embalar meu filho. Gênero e maternidade no discurso dos movimentos de resistência contra as ditaduras no Cone Sul, América do Sul. **Aedos**: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online), v. 5, p. 117-131, 2013.

TELES, Amelinha; LEITE, Rosalina Santa Cruz leite. **Da Guerrilha à imprensa feminista: a construção de um feminismo pós luta armada no Brasil (1975-1980)**. São Paulo: Intermeios, 2013.

YNCERA, Ignacio Sanches de la, La sociologia ante el problema geracional. Anotaciones al trabajo de Karl Mannheim. **REIS**, N. 62,P. 245-253, ABR/JUN. 1993.